

Médico acusa governo de promover o desespero

Para o diretor do Hospital Municipal Miguel Couto, Paulo Pinheiro, a prefeitura precisa receber a rede hospitalar do Inamps "antes que ela se transforme em uma nova Usiminas", mas não pode aceitar as regras ditadas pelo Ministério da Saúde, sob o risco de "patrocinar uma nova falência para o Rio de Janeiro". Ele acha que chegou o momento de o secretário municipal de Saúde exigir, para a imediata municipalização dos hospitais, a garantia do governo federal de um repasse de verbas, a curto e médio

prazos, suficiente para manter funcionando a rede pública.

Paulo Pinheiro considera que a política de financiamento dos hospitais públicos de acordo com sua capacidade de produzir serviços (UCA e AIH) é "o mais rápido caminho para levar a população carente ao desespero". Segundo ele, "essa política lembra a filosofia que norteia os motéis de beira de estrada: alta rotatividade e baixa qualidade". Paulo Pinheiro diz que a maior parte da população precisa de hospitais públicos de emergên-

cia, argumentando com os índices de mortalidade no Rio.

Informou que a principal causa de morte de menores de 1 ano é doença perinatal causada pela má qualidade de assistência à gestante e ao recém-nascido. De 1 a 4 anos de idade, é a pneumonia que mais mata, devido à falta de imunidade das crianças desnutridas. Na faixa de 5 a 29 anos, a mortalidade é liderada por causas externas, basicamente acidentes de trânsito e crimes. Acima dos 30 anos, as doenças

cardiovasculares lideram as estatísticas.

"Sabemos que, com a crise econômica, a maioria da população não possui recursos para pagar hospitais particulares e também não consegue acompanhar os seguidos reajustes impostos pelos seguros-saúde", afirmou Paulo Pinheiro, que considera o atual momento um dos mais graves que já atravessou a rede pública de saúde. Ele defende, por isso, uma luta incessante em busca de recursos para a preservação dos serviços públicos.